

Capoeira Angola e educação popular em saúde: por uma pedagogia ancestral e amorosa

Caena Rodrigues Conceição¹, Kinda Rodrigues Conceição²

Resumo

No presente artigo, trazemos reflexões a respeito de uma Educação Popular em Saúde baseada em uma pedagogia ancestral e amorosa, que dialoga com os princípios libertadores da Capoeira Angola. Ressaltamos a importância de uma educação popular em saúde que resgate, nos saberes ancestrais, os valores para uma educação que proporcione a descolonização dos corpos e mentes e a emancipação dos sujeitos e coletividades. Reconhecemos na cosmovisão das filosofias africanas e dos povos tradicionais afro-indígenas-brasileiros os direcionamentos para trilhar o caminho para uma educação popular autêntica que contribua para promover saúde e a cura dos diversos adoecimentos causados pelas estruturas de poder opressoras como o racismo, machismo, desigualdades de classe e LGBTfobia. Trata-se de um artigo teórico-vivencial que parte tanto das diferentes perspectivas de estudiosos e mestres populares como da experiência com o trabalho na Associação Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa (UNIRAAM), uma escola de educação popular que, há mais de 15 anos, desenvolve trabalhos formativos com públicos de diversas idades no Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, Bahia.

Palavras-chave

Capoeira Angola. Educação popular. Saúde. Pedagogia ancestral.

¹ Especialista em Residência Multiprofissional em Saúde da Família (Saúde da População do Campo) pela Universidade de Pernambuco, Brasil; educadora popular na Associação Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa (UNIRAAM), Bahia, Brasil. E-mail: caena.rodrigues@gmail.com.

² Bacharel em Artes (ênfase em Cinema e Audiovisual) pela Universidade Federal da Bahia, Brasil; cineasta; educadora popular e coordenadora da Associação Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa (UNIRAAM), Bahia, Brasil. E-mail: kindarodrigues@hotmail.com.

Capoeira Angola and popular health education: for an ancestral and loving pedagogy

Caena Rodrigues Conceição³, Kinda Rodrigues Conceição⁴

Abstract

In this article we bring reflections on a popular education in health based on an ancestral and loving pedagogy, which dialogues with the liberating principles of Capoeira Angola. We emphasize the importance of a popular education in health that rescues in ancestral knowledge the values for an education that provides the decolonization of bodies and minds and the emancipation of subjects and collectivities. We recognize in the worldview of African philosophies and traditional Afro-indigenous-Brazilian peoples the directions for tracing the path towards authentic popular education that contributes to promoting health and curing the various illnesses caused by oppressive power structures such as racism, sexism, class inequalities and LGBT-phobia. It is a theoretical-experiential article that starts from both the different perspectives of scholars and popular masters, as well as from the experience with work at Association University of Amorous Ancestral Reconstruction (UNIRAAM), a school of popular education, which, is 15 years old, and develops formative works with audiences of different ages in Pelourinho, Historic Center of Salvador, State of Bahia, Brazil.

Keywords

Capoeira Angola. Popular education. Health. Ancestral pedagogy.

³ Specialist in Multiprofessional Residency in Family Health (Health of the Population of the Countryside), University of Pernambuco, Brazil; popular educator at the Association University of Amorous Ancestral Reconstruction (UNIRAAM), State of Bahia, Brazil. E-mail: caena.rodrigues@gmail.com.

⁴ Bachelor of Arts (Cinema and Audiovisual), Federal University of Bahia, Brazil; film-maker; popular educator and coordinator of the Association University of Amorous Ancestral Reconstruction (UNIRAAM), State of Bahia, Brazil. E-mail: kindarodrigues@hotmail.com.

“Ô dai-me licença ê”... Pedindo Agô⁵ às divindades, ancestrais e mais velhos!⁶

É necessário iniciar este texto pedindo, antes de mais nada, Agô a todos os orixás, aos mais velhos, mais velhas, mestras, mestres e ancestrais africanos e indígenas que permitiram que hoje a existência de seus descendentes fosse possível. Peço licença e agradeço a Jorge Conceição⁷, Zumbi⁸, Dandara⁹, Aqaltune¹⁰, Maria Felipa¹¹, Zeferina¹², Mãe Stella de Oxóssi¹³, Makota Valdina¹⁴, Nega Didi¹⁵, Ritinha da Bahia¹⁶, Mestre Espinho Remoso¹⁷,

⁵ Palavra de origem iorubá muito utilizada em terreiros de candomblé, expressando sinal de respeito às divindades. Significa licença para movimentos de entrada, saída, passagem, entre outros.

⁶ O presente tópico faz referência a quem chegou primeiro, aos/as mais velhos/as, mestres/as, divindades, ancestrais e demais referências de conexão e resgate da ancestralidade. Pedir licença é sinal de respeito com a memória ancestral que simboliza a fonte do conhecimento para os povos de matriz africana, indígena e outros povos tradicionais conectados com a ancestralidade. O termo “dai-me licença ê” refere-se aos cânticos de religiões de matriz africana, e é uma postura de respeito às divindades e entidades dentro dessas religiões. Portanto, iniciar o texto fazendo tal referência, é uma forma de expressar respeito e de reverenciar os saberes que sustentam a construção de uma educação popular com uma visão crítica baseada nos conhecimentos ancestrais.

⁷ Educador popular, professor universitário, filósofo, artista e militante histórico do movimento negro. Ensinou em várias instituições de ensino, tanto públicas quanto privadas (UCSAL, UNEB, UFBA/CEAO, entre outras). Além disso, foi o fundador da UNIRAAM e construiu durante toda sua vida uma pedagogia popular baseada nos saberes ancestrais e no princípio da amorosidade.

⁸ Conhecido por muitos como Zumbi dos Palmares, foi um grande líder quilombola que lutou contra a escravização dos povos africanos. Ele foi o último a ocupar a liderança no maior quilombo da história do Brasil, durante o processo de colonização, Quilombo dos Palmares.

⁹ Grande guerreira e liderança do Quilombo dos Palmares que também lutou contra a escravização dos povos africanos no período colonial. Muitos lembram de Dandara, como uma grande estrategista, que pensava diversas estratégias de resistência para proteger o Quilombo de Palmares de invasões inimigas.

¹⁰ Importante liderança quilombola, Aqaltune da Casa de Kinlaza, era princesa no Congo, foi uma das responsáveis pela construção do Quilombo dos Palmares. Muitos afirmam que ela possivelmente foi mãe de Ganga Zumba e avó materna de Zumbi dos Palmares.

¹¹ Foi uma grande heroína da história do Brasil e viveu na Ilha de Itaparica, no estado da Bahia, durante o período colonial. Mulher negra, trabalhadora, marisqueira e pescadora, ela contribuiu na luta pela independência da Bahia.

¹² Zeferina do Quilombo do Urubu é lembrada por muitos enquanto uma das maiores guerreiras quilombolas da história do país. As narrativas contam que a rainha Zeferina, com arco e flecha na mão, resistiu junto com seus irmãos e irmãs, motivados pelo grito de guerra: “Morra branco e vivo negro!” para proteger o Quilombo do Urubu da invasão do exército colonial.

¹³ Maria Stella de Azevedo Santos, conhecida como Mãe Stella de Oxóssi, mulher de grande força e sabedoria, foi uma importante Iyalorixá, a quinta a ocupar o cargo de mãe de santo no Ilê Axé Opó Afonjá, terreiro de candomblé, de tradição Ketu, localizado em Salvador-BA.

¹⁴ Valdina de Oliveira Pinto, conhecida por muitos como Makota Valdina, foi uma grande liderança das religiões de matriz africana, educadora e líder comunitária. Uma importante militante que lutou em defesa dos direitos do povo negro, mulheres, contra o racismo e intolerância religiosa.

¹⁵ Uma das grandes referências femininas de força na história da capoeira angola, que tinha muita habilidade como capoeirista.

¹⁶ Uma das grandes referências femininas da Capoeira Angola, Ritinha foi uma das primeiras mulheres a integrar o grupo do Mestre João Pequeno, que foi discípulo do Mestre Pastinha.

¹⁷ Elizio Maximiano Ferreira, natural de Teixeira de Freitas, era conhecido dentro da capoeira angola como Mestre Espinho Remoso, referência enquanto mestre de capoeira angola que viveu na região do Retiro, na Jaqueira do Carneiro, localizada na cidade Salvador-BA.

Mestre Pastinha¹⁸, Mestre Moa do Katendê¹⁹, Mestre João Pequeno²⁰ e tantas outras e outros ancestrais que lutaram e deixaram como herança seus valiosos ensinamentos para que hoje possamos lutar mais fortalecidos contra as opressões e desigualdades, construindo, por meio de uma educação popular libertadora, uma vida digna para todos e todas!

Todos os saberes (adquiridos) e transmitidos de geração em geração pela pedagogia popular do nosso povo não seriam possíveis sem a luta dos nossos ancestrais. E todas as palavras que serão escritas aqui precisam servir para o fortalecimento da história e memória de quem pisou nesse chão antes de nós. É com muita humildade que pedimos licença à grande ancestral natureza, que foi a primeira a fornecer subsídio, por meio da biodiversidade de plantas, animais, outros seres e elementos para que os conhecimentos humanos fossem possíveis. Possuímos uma conexão ancestral com todos os seres e elementos presentes no universo. Somos descendentes das águas, fogo, ar, terra e movimento, pois somos compostos por todos os elementos que compõem essas expressões da natureza.

A iniciação sagrada para a compreensão integral na cosmovisão da vida, numa visão de diversidade unificada, quem realiza é a natureza! Nenhum ser humano aprende cosmovisão com outro ser humano, sem reconhecer que a fonte inicial ou “princípio único” é o cosmo (no nosso planeta representado pela unidade da natureza) caracterizado por relações quânticas infinitas! (CONCEIÇÃO, 2009, p. 89).

Pedir Agô para a natureza, nossa grande ancestral, e para quem veio antes, é importante, bem como é crucial reconhecer que enquanto humanos viemos ao mundo para trocar. O sentido da existência autêntica envolve se colocar no lugar de humildade de que somos todas e todos mestres e aprendizes. Do mais velho ao Erê²¹, temos todos sempre o que ensinar e o que aprender. Dessa forma, compreendemos também que pedir licença aos nossos ancestrais é um ato de respeito com quem iniciou as histórias de luta e resistência que permitiram que nossa caminhada fosse uma realidade, dando base para nosso crescimento psicoespiritual. Pedir Agô é um ato de quem aprendeu, por meio da pedagogia ancestral e

¹⁸ Vicente Ferreira Pastinha foi um dos grandes nomes da história da capoeira angola. No estado da Bahia, em Salvador e no mundo todo, é conhecido por muitos como um dos principais mestres de Capoeira Angola da história.

¹⁹ Romualdo Rosário da Costa, conhecido por muitos como Mestre Moa do Katendê, foi um importante mestre de capoeira, compositor, percussionista, artesão, educador e um dos idealizadores do Badauê, bloco afro de Salvador- BA.

²⁰ João Pereira dos Santos, conhecido como Mestre João Pequeno, foi discípulo de mestre Pastinha e se tornou um dos grandes mestres de capoeira angola da Bahia, conhecido por muitos ao redor do país e do mundo.

²¹ Palavra de origem iorubá que significa diversão, brincadeira ou criança. No contexto das religiões de matriz africana, a palavra é usada para se referir à divindade criança. Essa divindade é compreendida como intermediária entre a pessoa e seu Orixá, se manifestando no ponto de comunicação entre a inconsciência da pessoa e a consciência do Orixá.

amorosa dos terreiros de candomblé, grupos de capoeira e outros espaços de exercício de educação popular, a respeitar o outro humano, os ancestrais, as divindades e outros seres da natureza.

Diante dessas afirmações, explicitamos que o presente artigo pretende discutir alguns conceitos e experiências importantes para contribuir na construção de uma educação popular em saúde que esteja baseada nos princípios de uma pedagogia orientada pela ancestralidade, amorosidade e pelo respeito à diversidade pluriétnica²². A partir dessa compreensão, trazemos como referência filosófica para orientar o debate a cosmovisão da Capoeira Angola, compreendida enquanto filosofia cosmovisionária e medicina integrativa popular capaz de curar os adoecimentos causados pelo colonialismo. Para enriquecer o debate, relataremos a experiência do trabalho na Associação Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa (UNIRAAM), uma escola/universidade de educação popular que existe há mais de 15 anos, localizada em Salvador, Bahia, tendo como referência para construir seus trabalhos as filosofias de matriz africanas como a Capoeira Angola, o candomblé, entre outras.

Pedagogia popular ancestral, educação popular em saúde e Capoeira Angola

As discussões a respeito da compreensão da educação popular (EP) envolvem diversas visões e, nos últimos anos, o campo de discussão em torno do tema tem se apresentado como espaço de disputas de narrativas entre diferentes sujeitos e grupos sociais. Atualmente, EP tem sido um conceito muito discutido por teóricos acadêmicos que, via de regra, não partem de um olhar popular crítico e não fazem referência aos princípios da EP construídos ao longo da história nos espaços não acadêmicos, a exemplo das religiões de matriz africana; escolas de capoeira angola; organizações comunitárias; movimentos sociais negro, indígena, de mulheres, entre outros. Estamos chamando a atenção aqui para o fato de que antes mesmo de existir a definição de EP proposta por educadores com formação acadêmica, ou mesmo antes de ser nomeada como tal, já havia muitos povos tradicionais construindo uma educação com base em uma cosmovisão revolucionária e popular.

As práticas educativas que partem dessa visão de EP confrontam a educação formal/colonizadora. Além disso, devemos olhar com criticidade as posturas de muitos educadores acadêmicos que têm se apropriado do termo, chamando uma educação que ainda é

²² O termo é usado para fazer referência à diversidade de grupos étnico-raciais (negros, indígenas, asiáticos e brancos). Abarca a diversidade de histórias, culturas, línguas, modos de vida, identidade e cosmovisões de cada povo.

excludente e colonizadora de “popular”. Assim, é importante situar a EP que queremos discutir aqui, como uma educação que parte de uma visão crítica, referenciada nos saberes ancestrais. Dessa forma, se explica o uso dos termos Educação Popular Crítica e Ancestral ou Pedagogia Popular e Ancestral no presente texto.

No contexto de uma sociedade colonizada, estruturada e constituída pelos privilégios da branquitude, a educação popular crítica e ancestral, deve direcionar seus esforços para descolonizar o corpo e o pensamento, discutir e questionar sobre as desigualdades étnicas, sociais e econômicas que excluem as minorias que representam uma boa parcela da sociedade. O foco deve estar direcionado para a mudança de tal realidade, visando à inclusão a partir da compreensão da diversidade pluriétnica que integra nossa sociedade. Os opressores devem ser responsabilizados por terem causado, diante dos conflitos geopolíticos e étnico-raciais, diversas lesões na vida, cultura, história, identidade, memória, ancestralidade e natureza dos povos não brancos ao redor do mundo.

Uma educação popular que vise à transformação social precisa ter o compromisso de abordar com sua metodologia e pressupostos epistemológicos a história pluriétnica com olhar crítico, como sempre foi feito historicamente no espaço de formação da Capoeira Angola. Esta não foi apenas uma modalidade de luta dos africanos que vieram da África para o Brasil e precisaram enfrentar o processo violento da escravização. Foi no passado e é no presente uma filosofia que orienta uma EP libertadora e crítica, sendo entendida aqui como ritual sagrado de resgate do saber ancestral. Quando transformou a capoeira em luta, o povo preto descobriu que poderia fazer da sua própria existência um “quilombo vivo”!

O que a pedagogia popular ancestral dos quilombos nos ensina é que uma EP, pautada na ancestralidade, precisa de todas as formas resgatar a dignidade humana plural e a consciência ecológica popular a partir da infância e passando por todas as fases do ciclo vital do humano (adolescência, juventude, vida adulta e velhice). Uma teoria educacional pluriétnica se propõe a somar as reflexões críticas das propostas de uma educação popular ancestral e revolucionária construídas pelos nossos ancestrais – e que se fazem presentes no cotidiano – e tudo que vem sendo criado de mais novo com a intenção de encaminhar as ações afirmativas pluriétnicas, ecologicamente sustentáveis e solidárias. Objetivamos a superação de uma educação formal colonizadora, bancária, elitizada, burguesa, brancocêntrica que alimenta as estruturas de uma sociedade excludente, racista, machista e LGBTfóbica.

A pedagogia da Capoeira Angola fala das pedagogias de resistência e luta dos quilombos. Mas a visão de uma educação libertadora baseada nos saberes africanos e indígenas sempre foi ameaçada pelo processo da colonização europeia. Quando os brancos da

Europa decidiram invadir, roubar e destruir as culturas dos povos da África, América e Ásia, impuseram de modo violento suas limitadas formas do que chamavam educação. A educação formal que conhecemos é fruto da colonização para controlar os corpos e as mentes dos colonizados. Em sua obra *Capoeira Angola: educação pluriétnica corporal e ambiental*, Conceição (2009, p. 45) fala de uma Educação Popular Ambiental (EPA) que seja base para a construção de uma EP crítica: “A EPA parte de uma visão crítica sobre a educação popular, caracterizada pela amorosidade, solidariedade, ‘a crise transformadora’, a ternura, o desprendimento e a irmandade numa só unidade” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 45).

A Educação Popular Ancestral é profundamente crítica na sua intencionalidade, visando à descolonização do corpo e pensamento, a reconstrução do ser de um modo integral e natural a partir de uma reconexão com a identidade ancestral africana e indígena autênticas. O caminho que ela propõe é a inclusão integral da diversidade étnico-racial que reexiste no Brasil, reconhecendo as estruturas sóciorraciais de poder e denunciando o privilégio da branquitude.

As perspectivas trazidas aqui sobre EP orientam a compreensão que trazemos de educação popular em saúde. Esta pode ser entendida como um caminho para formação dos sujeitos e coletividades, baseado na luta pelos direitos sociais, como o direito à saúde, ao saneamento básico, à educação, à moradia, ao lazer, à alimentação, ao transporte, à cultura e à natureza, entre outros. Essa educação não se restringe a educação em saúde realizada no contexto do SUS, pois é praticada e disseminada em muitos espaços, como os territórios de matriz africana, praças, ruas dos centros, periferias, zona rural, territórios tradicionais, entre outros.

A educação popular em saúde se preocupa com a formação de sujeitos políticos, envolvidos na luta pela saúde, o que implica a luta por melhores condições de vida para todos e o questionamento profundo das iniquidades, injustiças sociais, econômicas e simbólicas. (NESPOLI, 2016, p. 47).

A educação popular em saúde com visão crítica deve incorporar a compreensão dos conflitos pluriétnicos, responsabilizando os opressores, no cenário das disputas geopolíticas, pelos adoecimentos físicos e psíquicos, pelas lesões corporais, identitárias, sociais, culturais, ambientais e ancestrais que causaram aos grupos étnico-raciais excluídos da sociedade. A ideia é construir uma teoria educacional inclusiva na direção principalmente desses grupos (culturais) aqui citados e que foram historicamente impedidos de acessar seus direitos a uma educação e uma saúde de qualidade, de praticar suas religiões e expressar suas culturas e identidades livremente.

Uma pedagogia popular ancestral e crítica, por meio dos princípios da Capoeira Angola, deve direcionar seus esforços para o resgate da história, memória e ancestralidade desses povos oprimidos historicamente, mas que seguem na resistência e luta. Dessa forma, o aprendizado da educação popular em saúde, no contexto da Capoeira Angola, ocorre a partir do exercício corporal e transmissão desses saberes, entendendo os seus múltiplos aspectos e práticas, movimentos da capoeira, ladainhas, orientações dos mestres, musicalidade e demais instrumentos sagrados envolvidos no ritual e ato de Capoeiragem, como práticas de redução de danos para saúde e cura. Assim, uma pedagogia, que vai nesse caminho do resgate da história, memória e ancestralidade, é capaz de promover saúde e curar as existências adoecidas pelo “câncer” do colonialismo.

Os saberes e os rituais ancestrais sagrados

Os saberes ancestrais dos povos tradicionais africanos e indígenas são bases para a construção de uma pedagogia popular libertadora e revolucionária. Os processos de ensinamento e formação dos sujeitos construídos a partir desses saberes se realizava por meio de rituais sagrados. Os rituais nas culturas africanas e indígenas tinham e ainda têm a função de dar sentido à vida. É por meio dele que a pessoa pode acessar os conhecimentos sagrados do seu povo. Nesse processo, quem acompanha e orienta a partir de sabedorias ancestrais, aquele que será iniciado/a, é o/a iniciador/a, que pode ser reconhecido na figura do Doma, do Oluô (dono do segredo e contador de histórias na cultura Iorubá), do/a mestre/a, da Iyalorixá, do Babalorixá, do/a sábio/a e de tantos outros:

As palavras sagradas de um sábio (Doma) Bambara traduzem os textos, as oferendas, os ritos de passagem e outros compromissos que deverão ser assumidos por jovens que serão conduzidos às plenas qualificações de conhecedores, sábias e sábios convictos dos cuidados ecológicos (sagrados) nas direções de si próprio e do outro ser humano. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 17-18).

Hampaté Bâ (*apud* KI-ZERBO, 1982, p. 196) afirma que a tradição viva e a oralidade são manifestações da relação da pessoa com a ancestralidade. Ele traz que o “artesão tradicional”, o “Doma”, a anciã, a mestra, a sábia – ou qualquer um que desempenhe o papel sagrado de orientar, cuidar e iniciar por meio dos rituais, transmitindo os saberes ancestrais – não é simplesmente um humano que realiza seu trabalho. Essas figuras são importantes na

formação do iniciado por exercerem uma função sagrada relacionada ao sentido da vida do ser na sua integralidade.

Contrariamente ao que alguns possam pensar, a tradição oral africana, com efeito, não se limita a histórias e lendas, ou mesmo a relatos mitológicos ou históricos, e os griots estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados... A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. (HAMPATÉ BÂ *apud* KI-ZERBO, 1982, p. 196).

A Capoeira Angola, que se orienta por uma pedagogia popular ancestral, assim como diversos outros saberes de origem de matriz africana, baseia-se na tradição oral. É por meio do corrido, da ladainha ou da louvação que essa pedagogia se mantém viva. É por meio da oralidade que os povos tradicionais expressam seus potenciais de manter suas culturas, ancestralidades, memórias, histórias e identidades vivas. Mestres/as de Capoeira Angola, mães de santo, benzedeiras, raizeiras, parteiras e tantas outras figuras sagradas transmitem os conhecimentos ancestrais por meio da oralidade. O canto e o conto dos nossos mais velhos permitem nosso autoconhecimento, emancipação e cura. As palavras de orientação de mestres/as, transmitidas de geração em geração e que visam libertar o ser, possibilitam o conhecimento de si e da vida.

Os rituais de iniciação são o caminho para se chegar a uma reflexão e um aprendizado sobre a existência. A sabedoria, “que não é apenas acumulação de conhecimentos técnicos” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 17), passada por meio da oralidade dos mais velhos/as, permite ao iniciado renascer a cada aprendizado, ou seja, nascer para uma nova experiência existencial a cada ensinamento adquirido, trilhando o caminho para se tornar também aquele que será capaz de passar o saber que tem, se tornando mestre/a, sábio/a, curandeiro/a, erveiro/a, raizeira/o, parteira e outras figuras dotadas de saberes ancestrais. É por meio da vivência como aprendiz ou iniciado que iremos nos conectar com o sentido ancestral da existência e nos tornarmos também aquele que é capaz de cuidar, de ensinar, de orientar e acolher.

A mandinga da Natureza, a nossa grande mestra!

A ginga, a mandinga e todo fundamento da Capoeira Angola é um aprendizado profundo proporcionado pela cosmovisão africana ancestral, biodiversidade quântica, identidade transdisciplinar e danças tântricas. Desse modo, nossos ancestrais nos deixaram de

presente suas pedagogias, como é o caso da Capoeira Angola, para que fosse possível nos curar das doenças provocadas pelos efeitos da colonização. Conceição (2009) traz que a natureza é nossa grande mestra, nos ensinando o segredo da vida plena:

Na tradição Bambara, Maa Ngala, orientador da ordem cósmica, quando constituiu a terra não realizou todas as obras ou tarefas, o restante da construção ficou para o ser humano, Maa, concluir com o máximo de responsabilidade ambiental e artesanal... Maa tinha como conteúdos e métodos cosmovisionários algumas atribuições de sustentabilidade ecológica resumidas desta forma: a) a partir de rituais educativos com jovens de ambos os sexos; b) completar os fenômenos da natureza e até modificá-los, mas que as mudanças e alterações socioambientais fossem para melhorar os métodos na direção das perfeições humanas (Maa), da natureza e do universo; c) fazer educação integral preventiva que preserve o cuidado e a justiça sociológica na direção de todas as formas de vida, de diversificar as interpretações e saberes sobre todos os fenômenos da vida (natureza e cultura) e sociedade num propósito de expandir a consciência e a harmonia cosmovisionária em cada ato nosso) ter nas nossas atividades artesanais... e nos nossos relacionamentos interpessoais as presenças dos mistérios ou segredos da criação do universo concebendo uma efetiva prática de valores solidários. (CONCEIÇÃO, 2009, p. 19-20).

É preciso resgatar os saberes ancestrais que sempre tiveram a intenção de promover o respeito a partir dos conhecimentos protegidos pela grande Iyá Natureza. O Feminino Sagrado, representado na cosmologia africana Ioruba por Oyá²³, Oxum²⁴, Obá²⁵, Nanã²⁶, Yemanjá²⁷, Ewá²⁸, Apaoká²⁹ e Oduduwa³⁰, se constitui pela compreensão do poder que as mulheres possuem de guerrear, cuidar, curar, gestar, parir, amamentar, nutrir, acolher, transformar a sua realidade, educar, construir, transmitir conhecimentos, preservar a memória ancestral, proteger segredos sagrados, revolucionar a vida, entre outros. Inclusive essas são

²³ Orixá guerreira, Iansã, Yansã ou Oyá, está ligada aos fenômenos climáticos. Na natureza, ela se manifesta na força dos ventos, tempestades, raios. É considerada a rainha e mãe dos *Eguns* (mortos), portanto está relacionada ao cuidado referente aos *Eguns* no candomblé.

²⁴ Orixá feminino, Oxum é considerada a rainha do ouro e das pedras preciosas. Reconhecida como *Iyalodê* (grande mãe), é responsável pelo poder da fertilidade no mundo, regendo o ventre feminino, a gestação, o nascimento.

²⁵ Senhora das águas revoltas, Obá é um Orixá feminino que também está ligado à guerra. Sempre com a espada na mão, é conhecida como a guerreira invencível.

²⁶ Nanã Buruquê é o Orixá feminino que representa a sabedoria e a memória ancestral. Senhora de muitos mistérios e segredos, Nanã é a mais antiga das divindades das águas, ligada à lama e às águas paradas dos lagos, mangues e pântanos.

²⁷ É Orixá feminino ligado à maternidade e à amamentação. É considerada a senhora de todas as águas do mundo. A expressão *YéYé Omó Ejá* significa mãe cujo os filhos são peixes.

²⁸ É um orixá feminino, a grande guerreira e caçadora que vive nas matas fechadas. Está ligada à criatividade, às possibilidades, à sensibilidade.

²⁹ A palavra *Apaoká* significa “em cada pé”. Essa divindade, ligada às mulheres ancestrais, é cultuada no Brasil em uma Jaqueira. Considerada uma feiticeira de muitos mistérios, Apaoká não é iniciada em Orí (Cabeça).

³⁰ Senhora da criação, foi um dos orixás responsáveis por criar o mundo e as coisas da terra. O nome *Oduduwa* significa “a cabaça de onde jorrou a vida”.

todas expressões que são orientadas e organizadas pelo poder divino da natureza. Na história das lutas e resistências dos povos tradicionais africanos e indígenas, a natureza representou a grande mãe que acolhe, cuida e protege:

Misteriosa, acolhedora e sagrada; perigosa e, por isso mesmo, protetora contra os inimigos, a floresta foi a morada segura em que índios e negros puderam viver em liberdade. Na convivência entre aldeias, quilombos e mocambos (habitação das famílias negras que vivem nas florestas) fundia-se o panteão afro-ameríndio, multiplicava-se a medicina botânica, miscigenavam-se os povos. Entre eles, o principal traço em comum era o valor positivo conferido às florestas. (GONZALES, 2008, p. 190).

A educação popular crítica em saúde, deve se basear nos princípios da Iyá Natureza e ter o compromisso de abordar com sua metodologia crítica os pressupostos epistemológicos da história pluriétnica. Baseada em uma cosmologia ancestral, é necessário o resgate de saberes que promovam o respeito às diversidades dos seres, ensinamentos passados pela grande mestra Natureza, que se organiza de forma amorosa e equilibrada.

A Capoeira Angola é uma manifestação popular de raiz africana que integra uma cosmovisão conectada com todos os processos da vida presentes no universo. Ao compreender a natureza como nossa grande mestra, entendemos também que somos capazes de aprender a agir na vida com base nos ensinamentos e sabedorias de todos os animais e elementos da vida que pulsa em nós e no universo.

Capoeira Angola, uma medicina que cura!

O processo de colonização nos causou feridas profundas que são a fonte de nossas principais enfermidades. Grada Kilomba (2010, p. 240) afirma que “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre. Por vezes infecta, e outras vezes sangra”. Fomos colocados no lugar de seres inferiorizados enquanto povos descendentes de africanos e indígenas. Foi o racismo estrutural que sustentou o processo de dominação dos europeus colonizadores na direção dos povos colonizados. Dessa maneira, adoecemos fisicamente, mentalmente e espiritualmente. As pessoas negras e indígenas são vítimas, e não vitimistas, das doenças da colonização que tiram o direito de serem simplesmente humanos, oprimindo e desumanizando seus corpos. Foi no encontro violento com o colonizador branco que nossa história de segregação enquanto negros e indígenas começou.

Pois o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco... Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia nosso pedaço. No mundo branco o homem de cor encontra dificuldade na elaboração de seu esquema corporal. (FANON, 2008, p. 104).

Assim podemos entender o processo do colonialismo, como um sistema que nega a possibilidade dos povos colonizados conhecerem suas próprias histórias. Esse é um dos grandes motivos do adoecimento desses povos, porque um sujeito sem história, sem memória, não sabe quem é e qual é o sentido da sua existência no mundo, desconectado da sua ancestralidade, portanto, em condição de adoecimento. Assim a experiência da colonização nos adoeceu destruindo nossos territórios de identidade. A geografia dos nossos corpos foi anulada pelo olhar racista do branco que imprimia no mais íntimo da nossa existência a patologia da inferiorização.

O branco, nada civilizado, no início das primeiras ondas de colonização, séculos atrás, quando invadiu com sua selvageria os continentes africanos e americanos, se colocou como modelo universal de humano, impondo sua cultura, sua língua, religião e modo limitado de ver o mundo. Ainda hoje, a elite branca do Brasil e do mundo, respaldada muitas vezes por aparatos institucionais do Estado, continua alimentando o genocídio dos povos negros e indígenas e de todas as minorias étnicas perseguidas ao longo da história da humanidade. A colonização não acabou, pois é só olhar para o sofrimento vivenciado pelos povos dos territórios colonizados na atualidade (povos do continente africano, americano, entre outros). Essa afirmação corrobora com o pensamento de Grada Kilomba (2010), que fala da realidade traumática do racismo como uma reencarnação do passado colonial:

É um choque violento que de repente coloca o sujeito negro em uma cena colonial na qual, como no cenário de uma plantação, ele é aprisionado como o/a “Outro/a” subordinado e exótico. De repente o passado vem a coincidir com o presente, e o presente é vivenciado como se o sujeito negro estivesse naquele passado agonizante. (KILOMBA, p. 34, 2010).

No Brasil, muitos fatos ocorridos nos últimos tempos revelam as diversas faces da violência do mundo branco racista. As terras indígenas continuam sendo invadidas; terreiros de candomblé, capoeira e outras manifestações de matriz africana ainda são perseguidos e demonizados; corpos pretos e indígenas ainda sangram diariamente, além de muitas outras violências que temos observado. Assim, o processo da colonização continua existindo nos dias atuais, sustentando as relações de poder desiguais da sociedade capitalista, estruturada por seus sistemas de opressão (racismo e machismo, entre outros). A experiência colonial,

baseada na relação entre colonizador (opressor) e colonizado (oprimido), é a fonte dos adoecimentos/sofrimentos físicos e psíquicos dos corpos colonizados.

A verdade é que a colonização, na sua essência, já se apresentava como uma grande provedora dos hospitais psiquiátricos. Em diferentes trabalhos científicos, desde 1954, chamamos a atenção dos psiquiatras franceses e internacionais para a dificuldade de “curar” corretamente um colonizado, isto é, torná-lo inteiramente homogêneo a um meio social de tipo colonial. Porque é uma negação sistematizada do outro, uma decisão obstinada de recusar ao outro todo atributo de humanidade, o colonialismo obriga o povo dominado a perguntar-se constantemente: “Quem sou eu, na verdade?”. As posições defensivas nascidas desse confronto violento entre o colonizado e o sistema colonial se organizam em uma estrutura que revela então a personalidade colonizada. Basta, para compreender essa “sensitividade”, simplesmente estudar, apreciar o número e a profundidade dos ferimentos feitos a um colonizado durante um único dia passado no seio do regime colonial... (FANON, 2002, p. 287-288).

A cultura do capital genocida que sustentou a experiência da colonização tem tentado transformar nossos saberes em saúde, nossos rituais-medicinas, em produtos para serem comercializados. Mas é somente com o processo de descolonização que avançaremos na direção de mudanças. A descolonização envolve o resgate das sabedorias ancestrais como a Capoeira Angola. Essa filosofia libertária de matriz africana é capaz de romper com essa educação colonizadora, pois nos cativa amorosamente no processo de aprendizagem, envolvendo uma reconexão com aquilo que é ancestral, contemplando elementos da nossa identidade, cultura e história.

A descolonização nunca passa despercebida, pois diz respeito ao ser, ela modifica fundamentalmente o ser, transforma espectadores esmagados pela inessencialidade em atores privilegiados, tomados de maneira quase grandiosa pelo rumo da História. Ela introduz no ser um ritmo próprio, trazido, pelos novos homens, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é verdadeiramente a criação de homens novos. Mas essa criação não recebe sua legitimidade de nenhuma potência sobrenatural: a “coisa” colonizada se torna homem no processo mesmo pelo qual ela se liberta. (FANON, 2002, p. 52-53).

Ao falar de descolonização, cura, medicina natural e saúde, é bom lembrar que, para o equilíbrio, é importante trilhar o caminho do resgate ancestral. Não necessariamente precisamos falar de doença quando falamos em saúde, mas é importante olhar para aquilo que queremos curar, ou melhor, enxergar a dimensão adoecida do nosso ser que necessita de cuidado. A doença, que enfrentamos hoje no contexto em que vivemos, surgiu do processo de colonização europeia e do rompimento da relação de equilíbrio com a natureza. Diante dessa

concepção, ser um sujeito saudável abarca o equilíbrio com a natureza e com a ancestralidade, por meio da prática dos saberes ancestrais que se atualizam e reatualizam por meio dos rituais de cura sagrados capazes de transformar a existência.

A Capoeira Angola fala da nossa cura ancestral. A nossa medicina natural ancestral tem origem nos saberes antepassados africanos e indígenas que foram passados pela cultura pedagógica da oralidade de geração em geração. Reconhecer o que nos adocece, assim como o que foi deixado de conhecimento e saber pelos povos que nos deram origem, é o primeiro passo para nos libertar e caminhar na direção da cura. Os saberes que vieram da África no ventre das mulheres africanas e foram “paridas” no Brasil são um verdadeiro presente dos ancestrais: a Capoeira Angola é nossa Medicina Natural Banto que nos conecta com os princípios ecológicos da vida [...]. Essa visão de uma filosofia cosmovisionária nos aprimora as condições para as melhores escolhas em todas as relações que tivermos envolvidos (CONCEIÇÃO, 2009, p. 62).

A Capoeira Angola é muita coisa para ser definida, podendo ser entendida como uma filosofia ancestral muito profunda que, ao mesmo tempo, é “dança de guerra”, brincadeira, teatro de rua, poesia, musicalidade, ciência viva, medicina natural, terapia corporal, prática integrativa, cuidado da saúde mental/integral. Para curar e elaborar o processo dos traumas da escravidão que marcaram nossa memória ancestral, nós cantamos ladainhas e corridos que falam dos nossos heróis, divindades, mestres etc. Recontamos as nossas histórias por meio da Capoeira Angola para buscar o resgate da nossa origem ancestral e orientar a nossa formação. Como diria mestre Pastinha, a Capoeira Angola é “mandinga de escravo em ânsia de liberdade, seu princípio não tem método e seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista” (PASTINHA *apud* LOBO, 2018, p. 1).

A pedagogia ancestral nos possibilita contar e recontar nossas histórias a partir do nosso próprio olhar. Contar a versão verdadeira da história do nosso povo, pois como diz o popular provérbio africano “até que os leões possam contar as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os glorificados como heróis das narrativas de caça”. Por meio da pedagogia transformadora da Capoeira Angola, recontamos as nossas histórias e nos libertamos do lugar de oprimido sem lugar na História. Quando percebemos essa dança tântrica como o caminho da cura e restauração do espírito adoecido, nos tornamos capazes de dar o salto quântico e restaurar a saúde integral.

A experiência viva de saúde popular na UNIRAAM

A Universidade da Reconstrução Ancestral Amorosa (UNIRAAM) foi fundada no ano de 2005. É uma organização comunitária que, há mais de 15 anos, trabalha para a promoção da saúde ancestral dos descendentes de africanos e indígenas. Jorge Conceição, professor, filósofo e educador popular e idealizador dessa instituição, afirmava que a UNIRAAM se originou a partir do rompimento com a universidade formal. A metodologia de EP construída na UNIRAAM nega as posturas educacionais verticalizadas e colonizadoras que estruturam o modelo educacional vigente nos ambientes acadêmicos.

A experiência viva da UNIRAAM é originada principalmente pelo legado do professor Jorge Conceição, que pesquisou e vivenciou por mais de 35 anos trabalhos corporais e ambientais em saúde e EP com base nos conhecimentos adquiridos nas práticas, nos cursos e nas diversas leituras teóricas sobre: Capoeira Angola, Massoterapia, Bioenergética, Alimentação Natural, Práticas de Medicinas Ancestrais, Danças espontâneas ancestrais e outros procedimentos voltados para a busca de uma compreensão da unidade transdisciplinar na diversidade ambiental. Autor de diversos livros adultos e infantis³¹, mestre Jorge Conceição, junto com um coletivo de educadores/as populares, construiu e ainda constrói uma identidade de uma escola/universidade aberta de EP, a UNIRAAM.

Ao negar o modelo educacional formal, a UNIRAAM propõe uma educação baseada em alguns princípios e premissas como: horizontalidade; diálogo; amorosidade; defesa de práticas e metodologias que priorizem o acesso aos direitos à saúde, educação, natureza, entre outros. Na UNIRAAM, a pedagogia pautada no resgate da ancestralidade está presente em todas as atividades realizadas: rodas de conversa, sessões de cineclube, cursos de alimentação natural viva, entre outros contatos e trocas de experiências. É na importância dada à interação respeitosa com a natureza que os conhecimentos dessa escola/universidade estão alicerçados.

Na UNIRAAM, o caminho da saúde é construído pela amorosidade, pelo cuidado, pela cura, pela descolonização da existência a partir do resgate dos saberes ancestrais. É por meio da brincadeira do teatro de rua da Boiada Multicor, por exemplo, que trabalha na direção do resgate do Erê saudável, tanto na própria criança, como no adulto, que é possível alcançar uma experiência de vida com saúde. Compreende-se, nessa escola popular, que os princípios de uma sociedade colonizada, genocida e antidemocrática, que sustenta as relações de

³¹ Dentre eles: *Negritude: Do espelho quebrado à identidade autêntica* (2012), *Capoeira Angola: educação pluriétnica corporal e ambiental* (2009), *O boi multicor* (1995).

opressão, são a fonte dos adoecimentos dos povos que contrariam o sistema opressor com seus modos de vida, culturas e identidades.

Ao contrariar os princípios da plena cidadania, a sociedade viciada em posturas e valores racistas condena todos os seus protagonistas às graves doenças psicológicas, fisiológicas e espirituais oriundas de ódios, egoísmos, poses obsessivas, intolerâncias, medos, invejas, ansiedades, tensões e prisões musculares ou viscerais, ciúmes, paixões fanáticas, depressões e tumorações diversas. (CONCEIÇÃO, 2012, p. 19).

A pedagogia popular, que visa à restauração da saúde praticada no espaço da UNIRAAM, tem como referência as filosofias africanas, ou seja, os trabalhos realizados nessa escola/universidade popular se baseia nas cosmovisões africanas presentes no Candomblé, na Capoeira Angola, no Samba de Roda e Chula, no Jongo, no Coco, entre outras manifestações de matriz africanas e indígenas. Nessa perspectiva, a experiência de saúde passa pela relação de equilíbrio e conexão com a natureza, dessa forma, se percebendo parte dela e não simplesmente admirando sua beleza estética, mas compreendendo com profundidade o seu potencial de curar e descolonizar.

É isso que os saberes de origem africana nos ensinam e que precisamos aprender, seja no contexto da UNIRAAM, Candomblé, Capoeira Angola ou outros. Na visão do Candomblé, a saúde está ligada ao Axé, energia vital presente no universo e em todo ser vivo. O desequilíbrio dessa energia vital – assim como ocorre na visão da medicina tradicional chinesa que fala do Chi e do Yin e Yang – pode sinalizar um processo de adoecimento causado por hábitos de vida colonizados, ou seja, hábitos que distorcem a relação do ser humano consigo mesmo, com os outros humanos e com os ambientes. Para Makota Valdina, o Candomblé, mais especificamente a nação angola, compreende que um ser humano com o corpo saudável está alinhado com o princípio de equilíbrio Kalunga:

a cura das doenças na perspectiva das religiões afro envolve a ação dos dois mundos: material e imaterial, visível e invisível. Nada ocorre nessa tradição religiosa sem a interação desses dois mundos. Muitas vezes um desequilíbrio físico é provocado por um desequilíbrio espiritual e vice-versa. Apesar de sabermos que muitas doenças precisam ser tratadas pela medicina dos cientistas, se a pessoa é iniciada, quase sempre busca antes o terreiro para se curar e sempre busca a cura dos dois lados. (MAKOTA VALDINA *apud* SILVA, 2007, p. 174-175).

No espaço da UNIRAAM, que é uma verdadeira universidade popular de base africana, são ofertadas diversas formações e cuidados envolvendo arte, cultura, saúde e educação, visando à transformação da realidade adoecida dessa sociedade colonizada que

vivemos. Essa escola/universidade popular é um espaço de formação, de cuidado e revolução de todos os paradigmas que orientam as práticas das pessoas na vida. Nela, são realizadas formações e ofertados cuidados por meio de cursos e oficinas de EP.

Dentre os saberes-medicinais praticados e ensinados na UNIRAAM, podemos citar: Saberes sobre o uso de plantas medicinais no cuidado em saúde; Saberes sobre o uso medicinal da argila; Enfrentamento do nutricídio através de uma alimentação natural de cura; Vivências com teatro de rua do grupo A Boiada Multicor (teatro de base africana que se apresenta como ferramenta de cuidado em saúde mental/integral); Sessões de cineclube e fortalecimento do movimento cineclubista como ferramenta educacional, envolvendo debates de temas relacionados à saúde; Formação de estudantes e profissionais da saúde sobre educação popular em saúde; Formação sobre práticas integrativas e populares de saúde como capoeira angola, danças populares (coco, samba, maracatu etc.), práticas corporais, massoterapia, auriculoterapia, entre outros.

Os trabalhos realizados na UNIRAAM contribuem para o debate sobre uma educação popular em saúde que parta de uma visão pedagógica crítica e pautada na relação com a ancestralidade. A experiência de educação popular em saúde da UNIRAAM dialoga com os princípios da Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). A definição do compromisso assumido por essa política e os seus princípios orientadores são os seguintes:

reafirma o compromisso com a universalidade, a equidade, a integralidade e a efetiva participação popular no SUS, e propõe uma prática político-pedagógica que perpassa as ações voltadas para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a partir do diálogo entre a diversidade de saberes, valorizando os saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção individual e coletiva de conhecimentos e a inserção destes no SUS.

[...]

Art. 3º A PNEPS-SUS é orientada pelos seguintes princípios:

I - Diálogo;

II - Amorosidade;

III - Problematização;

IV - Construção compartilhada do conhecimento;

V - Emancipação; e

VI - Compromisso com a construção do projeto democrático e popular.

(BRASIL, 2013, p. 1).

O texto da PNEPS-SUS corrobora com os princípios construídos a partir da experiência de trabalho com saúde popular na UNIRAAM. Ficam evidentes as contribuições que a pedagogia ancestral e popular de saúde dessa organização comunitária oferece para fortalecer as políticas públicas de saúde, o SUS e a educação popular em saúde.

Encerrando os trabalhos, fechando os rituais: algumas reflexões finais

Como é possível promover saúde diante dos transtornos causadas pelo racismo estrutural, herança da colonização e escravização? Qual é o papel da educação popular em saúde no processo de descolonização? Quais as contribuições da Capoeira Angola com sua cosmovisão pedagógica libertária? Como espaços, tais como a UNIRAAM, têm contribuído no fortalecimento da educação popular em saúde? Esses foram alguns dos questionamentos que orientaram o debate presente na discussão desse artigo.

Sem pretensão de dar respostas fechadas, que fossem verdades rígidas, refletimos aqui sobre diversos processos envolvendo o pensamento de uma EP de base africana e revolucionária. Defendemos aqui uma EP que tem origem nos espaços dos Terreiros e Quilombos, na qual se expressam as brincadeiras e manifestações populares pretas que contribuem para a transformação social e para o enfrentamento e desconstrução das relações de poder desigual entre opressor e oprimido.

Na visão trazida por Mestre Jorge Conceição, criador da UNIRAAM, os princípios pedagógicos que orientam essa proposta são: Solidariedade e respeito à diversidade pluriétnica; Desconstruções do colonialismo, a partir do enfrentamento das diversas formas de opressão, como machismo, as desigualdades vividas pelos LGBTs e o racismo estrutural, interpessoal, ambiental e nas suas diversas formas; Justiça ambiental, social e reconhecimento da importância da vida; Cuidados ecológicos com o corpo e com a natureza enquanto princípio sagrado da vida; Contemplar os parâmetros educacionais caracterizados pelas leis 10.639/03 e 11.645/08 que determinam os ensinamentos das histórias e culturas dos africanos e indígenas antes, durante e depois do processo de escravização; Fortalecimento das políticas públicas de saúde como a PNEPS-SUS, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (PNSIPN), entre outras; Consciência da diversidade na unidade ancestral.

Propomos a partir dessas reflexões a construção de uma pedagogia não do oprimido, que deseja continuar nesse lugar, mas sim do sujeito que sofre com as opressões e quer sair do lugar de oprimido. Propomos aqui uma pedagogia do sujeito livre, liberto e revolucionário, referenciada nos movimentos de luta e resistência dos povos africanos e indígenas. Queremos com isso, promover o resgate e o fortalecimento das pedagogias dos Quilombos e da Capoeira Angola, trazidos, nesse contexto, como referência para construir uma educação popular em saúde com olhar crítico, pautada na ancestralidade e que permita o envolvimento com transformações sociais profundas.

Referências

- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.761, de 19 de novembro de 2013. Institui a Política Nacional de Educação Popular em Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (PNEPS-SUS). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2761_19_11_2013.html. Acesso em: 15 fev. 2020.
- CONCEIÇÃO, J. S. **Capoeira Angola**: educação pluriétnica corporal e ambiental. Salvador: Vento Leste, 2009.
- CONCEIÇÃO, J. S. **Ressignificando a autoestima de trabalhadores afrodescendentes - Negritude**: do espelho quebrado à identidade autêntica. Salvador: Vento Leste, 2012.
- DECANIO FILHO, A. A. **A herança de Pastinha**. Salvador: [s.n.], 1997. (Coleção São Salomão).
- FANON, F. **Os condenados da Terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Edufba, 2008.
- GONZALES, L. **Guerreiras de natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008.
- HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África**: metodologia e pré-história da África. v. 1. Tradução de Beatriz Turquetti. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982. p. 167-212.
- KILOMBA, G. **Plantation memories**: episodes of everyday racism. Münster: Unrast Verlag, 2010. *E-book*.
- LOBO, A. Ê, viva a capoeira, camará!: a capoeira se reinventa no tempo e ensina a arte da resistência ancestral. **Brasil de Fato**, Salvador, 20 nov. 2018.
- NESPOLI, G. Da educação sanitária à educação popular em saúde. In: BORNSTEIN, V. J. *et al.* (org.). **Curso de aperfeiçoamento em educação popular em saúde**: textos de apoio. Rio de Janeiro: EPSJV, 2016. p. 46-51.
- SILVA, J. M. Religiões e saúde: a experiência da Rede Nacional de Religiões Afro-brasileiras e Saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 16, n. 2, p. 171-177, 2007. Doi: 10.1590/S0104-12902007000200017.

Submetido em 20 de março de 2020.

Aprovado em 18 de junho de 2020.